

# Sentire cum Ecclesia no Brasil

## Sentire cum Ecclesia in Brazil

*Valeriano dos Santos Costa\**

**Resumo:** Sentir com a Igreja no Brasil é pensar com a mente voltada aos pobres, como locus teológico da presença de Deus no mundo em que vivemos. Os pobres e descartados são as principais vítimas do processo de globalização em “tempos líquidos”. Este artigo tem a ousadia de confrontar, mesmo que de forma sumária, a realidade, no seu contexto mundial, latino-americano e brasileiro, para refletir como sentire cum ecclesia no Brasil, ressaltando a eclesiologia da opção preferencial pelos pobres e apontando o amor como o unum necessarium para o sentire cum ecclesia hoje.

**Palavras-chave:** Igreja; Globalização; Tempos líquidos; Pobres; Opção preferencial.

**Abstract:** To feel with the Church in Brazil is to think with our mind turned towards the poor people, as the theological Locus of God’s presence in the world in which we live. The poor and discarded people are the mean victims of the globalization process in “liquid times”. This article dares to confront reality, even though in a summary form, in its global Latin –American and Brazilian contexts, to reflect how to sentire cum ecclesia in Brazil, highlighting the ecclesiology of the preferential option for the poor, and pointing towards love as the unum necessarium for the sentire cum ecclesia today.

**Keywords:** Church; Globalization; “Liquid times”; Poor people; Preferential option.

---

\* Valeriano dos Santos Costa, Doutor em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Sant’Anselmo, Roma, Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUC-SP, natural de Bom Conselho, PE, e-mail: pvaleriano@uol.com.br

## Introdução

Foi Santo Inácio de Loyola que cunhou a expressão: pensar com a mente da Igreja (sentire cum ecclesia) e para isso criou dezoito regras “para sentir com a Igreja”, que estão no final dos “exercícios espirituais”<sup>1</sup>. Na décima terceira regra se diz:

Devemos sempre manter – para tudo acertar – que o branco que eu vejo é preto, se a Igreja hierárquica assim o determina, crendo que entre Cristo Nosso Senhor, o esposo, e a Igreja, sua esposa, é o mesmo espírito que nos governa e dirige para a salvação. Pois o mesmo Espírito e o Senhor nosso, que deu os Dez Mandamentos, rege e governa a nossa santa mãe, a Igreja<sup>2</sup>.

A décima terceira regra tem como núcleo a obediência. Porém é preciso definir o conceito teológico de obediência. Não se trata da obediência cega nem do dilema: romper ou ceder. O nosso enfoque não prioriza a obediência pontual, mas a obediência que representa o sentir com a Igreja num plano de opção de vida, vocação e missão. É sob este prisma que a Instrução “O serviço da Autoridade e a Obediência”, da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades Apostólicas, usa duas vezes a expressão “sentire cum ecclesia”.<sup>3</sup> Abarca a Tradição e o pensamento do Magistério ao longo da história. Sentir com a Igreja é abraçar a causa de Cristo e colaborar para que ela aconteça aqui e agora. Faz parte da obediência da fé incluída no ato mesmo de adesão (Rm 1,5) e não tanto da obediência devida à mensagem<sup>4</sup>. A diferença é grande, pois a obediência incluída na adesão da fé está inserida no ato da vontade do fiel quando adere com todo o seu ser ao mistério de Cristo. É como dizer: obedeço a

---

<sup>1</sup> “ Por Exercícios espirituais (EE) se entende qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais [...]. INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios espirituais*: anotações, 1ª anotação. In *Escritos de Santo Inácio*: Exercícios espirituais. São Paulo: Loyola, 8ª edição, 2015: 9.

<sup>2</sup> INÁCIO DE LOYOLA. Regras para sentir com a Igreja. In *Escritos de Santo Inácio*: Exercícios espirituais. São Paulo: Loyola, 8ª edição, 2015:134-135.

<sup>3</sup> CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS PARA A VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES APOSTÓLICAS. *O serviço da autoridade e a obediência: Faciem tuam, domine, requiram*. 2008, nº 13f.

<sup>4</sup> Cf. nota e, referente a Rm 1,5, na Bíblia de Jerusalém.

Cristo, e não simplesmente e à mensagem de Cristo. Como diz Castillo, “[...] se Deus é Deus e o homem e homem, o lógico é que o homem se subordine a Deus em tudo, inclusive na imolação da própria vida de tal forma que os propósitos de Deus, inclusive os mínimos, se cumpram rigorosamente”<sup>5</sup>. Portanto na obediência da fé não há seleção nem restrição. É o todo da mensagem que é acolhido em bloco sem reserva, assim como o amor de Deus é doado em sua totalidade e deve ser acolhido sem reserva nem restrição. O que pode ser colocado em questão são as exegeses e as aplicações da mensagem, mas nunca a mensagem como um todo.

Não vamos discutir a regra, que para Inácio era axioma, mas ampliar a visão do que seja sentir com a Igreja no Brasil, considerando em primeiro lugar que ela está inserida no contexto mundial. Por isso iniciamos abordado, mesmo que rapidamente, a realidade mundial e latino-americana.

## 1. *Sentire cum ecclesia*

Não podemos sentir com ecclesia no Brasil sem olhar com acuidade o nosso contexto num mundo globalizado. Por isso vamos iniciar falando do contexto mundial e do contexto latino-americano, para podermos focar o contexto brasileiro.

### 1.1 Contexto mundial

São dois os aspectos que gostaria de abordar no contexto mundial: a “globalização” e “os tempos líquidos”. São temas interligados, mas que merecem se tratados separadamente. Ambos afetaram o mundo como um todo e, portanto, a Igreja no Brasil está imersa num mundo global e precisa configurar a missão e a pastoral de forma adequada, e só assim podemos sentir com ecclesia no Brasil de forma ajustada.

---

<sup>5</sup> CASTILLO, José M. *La ética de Cristo*. Bilbao: Desclée de Brouer, 2005, 81-82. Obs: a tradução é livre.

## A) A globalização

A globalização é o “último mito do século XX e a primeira utopia do século XXI”<sup>6</sup>, marcado por um fenômeno cuja amplitude e rapidez de difusão nos pegaram de surpresa<sup>7</sup>, de tal forma que uns caem em êxtase e outros sucumbem de medo. No campo da comunicação, “a globalização atual marca um patamar definitivo: ela atinge num instante, em tempo real, todos os pontos do planeta”<sup>8</sup>. Uma prova disso foi o atentado contra as torres gêmeas do World Trade Center, de Nova York, em 11 de setembro 2001, que ficou conhecido no mundo inteiro depois de dois ou três minutos<sup>9</sup>. Lenoir diz que a globalização da informação foi a transformação que apareceu mais subitamente<sup>10</sup>. Também diz Ianni que “os meios de comunicação de massa [...] rompem ou ultrapassam fronteiras, culturas, idiomas, religiões, regimes políticos, diversidades e desigualdades, socioeconômicas e hierarquias raciais, de sexo e idade”<sup>11</sup>.

A globalização pertence a todos os discursos e não foi uma escolha de ninguém. É a nova era do capitalismo, em que os dogmas são impelidos ao paroxismo<sup>12</sup>. Justamente a angústia se dá porque “transpondo todas as fronteiras, ela não teme nem o controle da ética nem o respeito pelo sagrado”<sup>13</sup>. Parafraseia a fé, porque “a rentabilidade é o novo nome da redenção”<sup>14</sup>. Citando Petrini, Longchamp diz que o objetivo da globalização é criar uma economia de mercado capitalista integrada num único mercado mundial autorregulador<sup>15</sup>. “A globalização também é o pensamento único e a miséria do espírito, a reconstrução dos lucros, o crescimento autorizado – para não dizer

<sup>6</sup> LONGCHAMP, Albert. Globalização: um novo nome do desenvolvimento? in AA.VV. *Globalização e fé*. (Foi et développement, tradução de Carlos Valero). Bauru: EDUSP, 2000: 131

<sup>7</sup> Ibid. 123

<sup>8</sup> Ibid. 128

<sup>9</sup> LENOIR, Frederic. *A cura do mundo*. São Paulo: Loyola, 2014: 23.

<sup>10</sup> Ibid. 17.

<sup>11</sup> IANNI, Otctavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 13ª edição, 2013: 19-20.

<sup>12</sup> LONGCHAMP, 2000: 126.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> Ibid 127.

<sup>15</sup> Ibid 129.

reivindicado – das desigualdades sociais. Porque tudo depende de uma única lei de ferro: a concorrência”<sup>16</sup>. E a concorrência sempre foi a lei do mais forte. Na lógica desse império, a globalização representa um movimento feito por deslocamentos sem precedente. Nesse sentido, Lenoir define a globalização como “[...] a formação de relações de interdependência cada vez mais estritas entre as atividades dos habitantes dos diferentes países do mundo, o que implica, naturalmente, transferências de bens, de dinheiro, de competências, até mesmo de pessoas e de empresas”<sup>17</sup>. Temos de admitir que “a terra mundializou-se de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica”<sup>18</sup>, passando a ser mais uma terra encolhida<sup>19</sup>. A globalização, “na psicologia humana significou a aceleração do tempo e a retração do espaço”<sup>20</sup>. Portanto é preciso dar-se conta de que não existem mais setores nem vetores isolados. Vivemos numa sociedade mundial<sup>21</sup> e nenhuma solução autêntica pode ser reivindicada de forma isolada.

A globalização significou também uma revolução cerebral instada pela aceleração da racionalização. O cérebro direito é mais emocional, e o esquerdo mais racional. O status da globalidade leva a um uso demasiado do córtex esquerdo, inclusive no aspecto religioso<sup>22</sup>. Ianni também concorda que o mundo passou a ser influenciado por um padrão de racionalidade gerado pela cultura do capitalismo moderno<sup>23</sup>. Giddens chama de circularidade da razão que se filtra em ansiedade cuja pressão todos sentem<sup>24</sup>.

Considerando que a globalização é irreversível e, em busca de refazer o que não pode mais retroceder, Longchamp afirma que, “de maneira geral, como se fala, na Igreja, de uma nova evangelização, poderia se falar, no mundo da economia, de uma nova globalização”<sup>25</sup>.

<sup>16</sup> Ibid 128.

<sup>17</sup> LENOIR, 2014:25.

<sup>18</sup> IANNI, 2013:13.

<sup>19</sup> LENOIR, 2014:20.

<sup>20</sup> Ibid 32.

<sup>21</sup> IANI, 2013:76.

<sup>22</sup> LENOIR, 2014:42.

<sup>23</sup> IANNI, 2013:145.

<sup>24</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo; UNESP, 1991:60.

<sup>25</sup> LONGCHAMP, 2000: 137.

## B) Tempos líquidos

Zigmunt Bauman criou uma linguagem para mostrar a mudança que a globalização provocou no mundo moderno atual. É a metáfora dos líquidos e fluídos. Com isso, quer mostrar que houve uma ruptura dentro da própria modernidade, sem deixar de ser modernidade. Para acentuar essa mudança, Bauman prefere usar a expressão modernidade líquida em vez de pós-modernidade como usava antes.

Ao estudar as consequências que a globalização da segunda modernidade trouxe para a vida humana, Bauman compara o momento atual com os “líquidos”, fluídos e gases, os quais deslizam sem constituir nenhuma forma durável. Representam um processo que resultou na transformação da modernidade de sua fase sólida para a líquida<sup>26</sup>. O marco desta nomenclatura é o ano 2000, quando publicou o livro *Modernidade líquida*<sup>27</sup>. Nos escritos anteriores, Bauman usava mais frequentemente pós-modernidade<sup>28</sup>, uma expressão comum a muitos pensadores. Porém Bauman quer fazer entender que há na modernidade duas fases bem distintas: a primeira é a modernidade sólida, e a segunda de modernidade líquida, como ele mesmo explica:

Uso aqui a expressão “modernidade líquida” para denominar o formato atual da condição moderna, descrita por outros autores como “pós-modernidade”, “modernidade tardia”, “segunda modernidade” ou “hipermodernidade”. O que torna “líquida” a modernidade, e assim justifica a escolha do nome, é sua “modernização” compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> Cf. BAUMAN, Zigmunt. *A cultura no mundo líquido-moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013: 16.

<sup>27</sup> BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*: Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>28</sup> Antes de 2000, quando se dá a virada terminológica de Bauman, o último livro em que ainda usou no título a expressão pós-modernidade foi *Postmodernity and its Discontents*, publicado por Polity Press de Cambridg, Inglaterra, em 1997. Em 1993 já tinha escrito *Postmodern ethics*, publicado no Brasil pela primeira em 1997.

<sup>29</sup> BAUMAN, Zigmunt, *A cultura no mundo líquido moderno*: 16.

Assim os autores vão criando e utilizando linguagens para expressar a mudança abissal que ocorreu dentro da modernidade, sem, contudo, sair dela. Lenoir considera que a atual modernidade representa uma mudança tão grande na história como foi a mudança do período paleolítico para o neolítico, determinando o futuro da humanidade para sempre:

Com o recuo histórico, acredito que os dois momentos mais cruciais da história humana, os de maior mudança antropológica, são, por um lado, a guinada representada pelo neolítico e, por outro lado, a época atual, em que estão sendo desenvolvidas todas as virtualidades da modernidade inaugurada no Renascimento. Por isso prefiro qualificar nossa época de “ultramoderna, em vez de pós-modernidade”. Esta última expressão, frequentemente usada, pretende colocar ênfase do desencantamento moderno, marcado especialmente pelo mito do progresso. Mas ela possui o inconveniente de fazer acreditar que se teria saído do processo da modernidade. Nada disso, os principais fundamentos do mundo moderno (razão crítica, individualização, globalização) ainda estão – e até mesmo cada vez mais – em ação, e as revoluções decorrentes deles não cessam de acelerar [...]. (Lenoir, 2014: 41-42).

Na literatura bauminiana constata-se que houve uma grande mudança que rompeu o processo inicial da modernidade sólida em busca de sólidos mais consistentes e fez que a mudança se tornasse compulsiva. Nada agora suporta formas duráveis. Significou a dissolução de todos os laços feitos para durar como o amor, a amizade, os princípios, a moralidade, a ética, os valores. Portanto, como diz Bauman, “reina o caos no mundo dos valores”.<sup>30</sup> Então os valores também se tornaram líquidos e, como tal, não suportam formas duráveis. Por isso Bauman pensa que essa ruptura está destruindo o destino da humanidade. Ele diz que globalização, “até aqui...é totalmente negativa”<sup>31</sup>, ou seja, uma “globalização altamente seletiva do comércio e do capital, da vigilância e da informação, da coerção e das armas, do crime e do terrorismo, todos os quais agora desdenham a soberania

<sup>30</sup> BAUMAN, Zigmunt, *A cultura no mundo líquido moderno*: 48.

<sup>31</sup> BAUMAN, Zigmunt. *Medo líquido*: 126.

nacional e desrespeitam quaisquer fronteiras entre os Estados”<sup>32</sup>. É uma globalização do medo e não das esperanças. “Estamos todos em perigo e todos somos perigosos uns aos outros”<sup>33</sup>.

Daí surge o mais deprimente e injustificável lixo: o lixo humano, gente expulsa de sua terra em busca de chances de vida em outro lugar. É uma grande diáspora de pessoas sem lar e sem pátria que se juntam em enormes bairros periféricos, sem ter tempo e disposição de integração. O fruto disso é o avanço da criminalidade, mas isso interessa muito aos grandes, pois “quando os pobres discutem com os pobres, os ricos têm todo o motivo para esfregar as mãos de alegria”.<sup>34</sup> A briga entre os pobres interessa aos gerentes da ordem global: “Para que não haja coisa alguma com que se preocupar, os gerentes da ordem global precisam de uma abundância inexaurível de inquietação local”<sup>35</sup>.

Todos os excluídos do conhecimento estão fora da jogada do sistema atual:

Agora, com a introdução das Novas Tecnologias da Comunicação e da informação, as mudanças são mais significativas. Cada vez mais a valorização do trabalho repousa sobre o conhecimento, sobre a capacidade de interação com a máquina, superando a mera subordinação.. Trata-se do que se denomina “sistema de produção de conhecimento por conhecimentos”<sup>36</sup>.

Então temos de admitir com Sanson que “a globalização empobreceu os trabalhadores, porém, de forma diametralmente oposta, aumentou mais os ganhos do capital.”<sup>37</sup>

## 1.2 Contexto latino-americano

Como diz Netto, “a América latina está inserida numa conjuntura mundial na qual os rumos do capitalismo contemporâneo parecem

<sup>32</sup> BAUMAN, Zigmunt. *Medo líquido*: 126.

<sup>33</sup> Ibid. 128.

<sup>34</sup> BAUMAN, Zigmunt, *A cultura no mundo líquido moderno*: 43.

<sup>35</sup> Ibid. 44.

<sup>36</sup> SANSON, Cesar. O pobre coletivo: o Sul n o mercado globalizado. in OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Opção preferencial pelos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2011: 111.

<sup>37</sup> Ibid. 116

muito claros”<sup>38</sup>. Lembre-se aqui a questão da globalização em tempos líquidos. Apesar da luta recente contra a pobreza, a América Latina é o Continente das desigualdades. Como diz Salama,

na América latina, o nível das desigualdades é muito elevado, se comparado ao de outros países: o coeficiente de Gini é de 0,639 no Brasil, de 0,59 na Argentina, de 0,52 no México, de 0,55 no Chile é de 0,58 na Colômbia (CEPAL, 2004), enquanto que ele se situava no fim dos anos noventa em 0,36 nos Estados Unidos e 0,27 na França, segundo a OCDE<sup>39</sup>.

Mendonça também concorda com esta tese quando afirma: “A América Latina é uma área cujas características principais são a especificidade de sua colonização e a desigualdade econômica e social em proporções não encontradas em outras regiões do mundo”<sup>40</sup>. E ainda afirma Salama, “a América Latina aumenta seu atraso, em relação aos “dragões” asiáticos, tal como a Coreia do Sul, e o cenário de uma incapacidade em concorrer com a China, Coreia e com a Índia em futuro próximo em mercados ditos portadores de lucro”<sup>41</sup>. O crescimento é muito modesto na América latina, situando-se em média de 2%.<sup>42</sup> E por uma questão de volatilidade própria da globalização financeira, os pobres, enquanto os mais desprotegidos, são os que mais sofrem. O Documento de Aparecida (DAP) elenca de forma brilhante quem são esses desprotegidos por essa globalização em tempos líquidos:

---

<sup>38</sup> NETTO, José Paulo. A questão social na América latina. in GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER, Eugenia Célia (org.), *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano*. Vitória: EDUFES, 2013:102.

<sup>39</sup> SALAMA, Pobreza: luz no fim do túnel? in GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER, Eugenia Célia (org.), *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano*. Vitória: EDUFES, 2013, 19-20

<sup>40</sup> MENDONÇA, Luiz Jorge V. Pessoa de. América Latina: desigualdade social à desigualdade econômica ou características e variações de um mesmo sistema. in GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER, Eugenia Célia (org.), *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano*. Vitória: EDUFES, 2013:112.

<sup>41</sup> SALAMA, 2013: 36.

<sup>42</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo/Brasília: Paulus/Paulinas/ CNBB, 2007:24. (este documento daqui para gente será citado com a sigla DAP)

A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo, agricultores sem terra e os mineiros<sup>43</sup>.

Dessa forma podemos dizer que o Documento de Aparecida concorda com Zigmunt Bauman na opinião de que até agora a globalização tem sido totalmente negativa. Como diz o Documento de Aparecida, “a opção preferencial pelos pobres e uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana”<sup>44</sup>, pois:

Nossa fé proclama que “Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem”. Por isso, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre” Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão (Hb 2,11-12), opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente<sup>45</sup>.

Nesse sentido, “temos muito que oferecer, visto que ‘não há dúvida de que a Doutrina Social da Igreja é capaz de despertar esperança em meio a situações mais difíceis, porque, se não há esperança para os pobres, não haverá esperança para ninguém, sem sequer para os chamados ricos’”<sup>46</sup>. Nesse sentido afirma Sampaio:

Para ser coerente, a doutrina Social da Igreja não pode tratar o problema da existência de bilhões de seres humanos em situação de extrema pobreza como se tratasse de mera disfunção do siste-

<sup>43</sup> DAp 402

<sup>44</sup> DAp 391

<sup>45</sup> DAp 392; *PALAVRAS do Papa Bento XVI no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2011:111.

<sup>46</sup> DAp 395.

ma capitalista. A pobreza denuncia o capitalismo como um regime contrário aos valores cristãos<sup>47</sup>.

Portanto, a salvação dos pobres implica a salvação do mundo inteiro, e nesta perspectiva temos de sentir cum ecclesia na América Latina.

### 1.3 Contexto brasileiro e opção preferencial pelos pobres

A Igreja no Brasil, em suas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora – 2011-2015, emanadas pela Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), “reafirma a importância de conhecer a realidade e de traçar metas específicas para a ação evangelizadora à luz da Sagrada Escritura e da Tradição”<sup>48</sup>, a fim de “superar o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas, na verdade, a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez”<sup>49</sup>. A realidade que pincelamos nas páginas anteriores é a “globalização líquida”, que requer uma nova evangelização; nova não em conteúdos, mas nova em ardor, nova em métodos; nova em seus agentes. É na alteridade e na gratuidade que o discípulo segue o mestre e pensa sua ação pastoral<sup>50</sup>. E trata-se agora de uma missão não somente brasileira, mas uma Missão Continental<sup>51</sup>.

Mas ante de aprofundar esta linha de pensamento, gostaríamos de frisar que o Brasil, enquanto país em desenvolvimento está muito atrasado. A política econômica inspirada nos modelos da ortodoxia monetarista<sup>52</sup> privilegiou a abertura econômica. “Tal medida seria obtida graças a uma redução drástica dos tributos sobre o comércio exterior, a cortes nos subsídios e a uma eliminação das medidas protecionistas

<sup>47</sup> SAMPAIO, Plínio de Arruda. Pobreza e Classe social. in OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Opção preferencial pelos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2011: 100.

<sup>48</sup> CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2011-2015*. Brasília: CNBB, 2011: 1 (Obs. doravante citaremos apenas: Diretrizes Gerais 2011-2015).

<sup>49</sup> Diretrizes Gerais 2011-2015: 3

<sup>50</sup> Diretrizes Gerais 2011-2015: 8

<sup>51</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 35

<sup>52</sup> KLIÁSS, Paulo; SALAMA, Pierre. in GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER, Eugenia Célia (org.), *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano*. Vitória: EDUFES, 2013: 129

não tarifárias, além do fim de restrições existentes à livre circulação de capitais”<sup>53</sup>. Evidentemente, o Brasil mundializou-se. No entanto,

o crescimento econômico apresentou-se especialmente fraco ao longo dos últimos quinze anos. Ele ultrapassa um pouco a taxa 144 média anual de 2,5% durante o primeiro mandato de Lula e se situa em um patamar comparável ao do segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso [...]. Assim, estamos em face de uma tendência de estagnação econômica<sup>54</sup>.

Significa que enquanto os “tigres asiáticos” andam em alta velocidade, nós andamos de bicicleta. Um dos motivos é que o sistema financeiro fortaleceu-se muito e o sistema industrial enfraqueceu-se. Haverá cada vez mais pobres no Brasil. O resultado desse processo de globalização tanto para a América Latina como para o Brasil é que os pobres continuarão sendo as grandes vítimas. Aí a opção preferencial pelos pobres, “um dos traços da nossa Igreja”<sup>55</sup>, precisa ser fortalecida.

#### A) Sentire cum ecclesia no Brasil

Depois do exposto, podemos dizer que sentire e cum ecclesia no Brasil é vestir a camisa e abraçar o rumo que as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2011-2015 apontam, considerando que vivemos uma realidade líquida globalizada. As Diretrizes se propõem a “ser uma resposta aos desafios que emergem em nosso tempo de transformações radicais na totalidade da existência, que, às vezes, geram perplexidade, ameaçam a vida em suas diversas formas e levam o ser humano a se afastar do Reino de Deus”<sup>56</sup>. As Diretrizes pedem para não nos assustarmos, mas nos colocarmos na busca de horizontes que pela fé se pode vislumbrar, e apresentam cinco urgências nas quais a Igreja inteira deve investir para superar uma mentalidade pastoral de manutenção e conservação, como tanto

<sup>53</sup> Ibid.

<sup>54</sup> Ibid. 142-143.

<sup>55</sup> PINHEIRO, José Ernanne. Prefácio. in OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Opção preferencial pelos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2011: 5.

<sup>56</sup> Diretrizes Gerais 2011-2015: 11.

insiste o Documento de Aparecida<sup>57</sup>, e colocar-se a serviço dos sofredores desta terra<sup>58</sup>: 1) transformar a Igreja em estado permanente de missão; 2) fazer da Igreja a casa da Iniciação Cristã; 3) fazer da Igreja um lugar de animação bíblica e pastoral; 4) fazer da Igreja uma comunidade de comunidades; 5) colocar a Igreja a serviço da vida plena para todos. Tais urgências dizem respeito à busca e ao encontro de caminhos para a transmissão e a sedimentação da fé em nosso tempo. Um detalhe importante é que todas são ações que devem ser assumidas integral e igualmente como urgências, não havendo nenhuma prioridade entre elas.<sup>59</sup> Olhando para elas, vemos que há sequência e consequência. Tudo decorre da missão, que necessariamente deve refundar a iniciação cristã, na animação bíblica e pastoral, na vida de comunidade, que não pode ser massiva, e no serviço para todos. Portanto não há como evangelizar sem levar a sério as cinco urgências. Elas nos colocam para fora de nossos templos e nos dizem que é urgente “ir em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra”<sup>60</sup>. Nesse sentido a CNBB já tinha falado em “tempo urgente de saída”.<sup>61</sup> Recentemente o papa Francisco cunhou a expressão “Igreja em saída”<sup>62</sup>, para mostrar a urgência da missão, num tempo em que a transmissão da fé não passa mais por meio de um mundo que se concebia cristão<sup>63</sup>. Por isso a necessidade de anunciar e reanunciar o Evangelho, muitas vezes a partir do zero, “sem dar nada como pressuposto ou descontado”.<sup>64</sup> Por isso também o contato profundo e vivencial com as Escrituras deve ser retomado de forma geral entre todos os discípulos missionários<sup>65</sup>, porém um contato de fé pessoal e de vivência eclesial para não se cair no engodo de manipular a Palavra de Deus.<sup>66</sup> Um dos métodos mais seguros é a leitura orante

<sup>57</sup> Cf. DAp 370, Diretrizes Gerais 2011-2015: 28.

<sup>58</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 27.

<sup>59</sup> Diretrizes Gerais 2011-2015 p. 12

<sup>60</sup> DAp 548.

<sup>61</sup> Diretrizes Gerais 2011-2015 31.

<sup>62</sup> FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho*. Brasília: CNBB, 2013:20

<sup>63</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 38.

<sup>64</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 40.

<sup>65</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 46.

<sup>66</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 49.

da Bíblia<sup>67</sup>. Uma autêntica leitura da Palavra leva à ação do amor no serviço testemunhal e à constituição de uma Igreja samaritana<sup>68</sup>

As Diretrizes, em seu objetivo geral, afirmam que a Igreja no Brasil se justifica pelo seu projeto maior de “evangelizar”. Esta palavra está em destaque; o que vem depois são os métodos, que redundam nas cinco urgências citadas, uma espécie de objetivos específicos. A formulação completa do objetivo Geral das Diretrizes, em sua diagramação explícita é:

### **Evangelizar**

a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo  
como Igreja discípula, missionária e profética,  
alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia,  
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,  
para que todos tenha vida (Jo 10,10)  
rumo ao Reino definitivo<sup>69</sup>.

Para nós, a extensão da frase é devida ao “politicamente correto” para que, diante da amplitude espacial, diferenças culturais, divergências pastorais e até limites teológicos, o objetivo não seja distorcido. Poderia ser resumido simplesmente assim: evangelizar à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres. Pois evangelizar só pode uma ação a partir de Jesus Cristo, porque uma ação eclesial<sup>70</sup>, e na força do Espírito Santo, realizada por pessoas e comunidades que constituem uma Igreja missionária e profética que se alimenta da Palavra de Deus e da Eucaristia. A finalidade, muito bem colocada no texto, de qualquer evangelização autêntica, em primeiro lugar, é a vida em abundância. Como disse Bento XVI, na sessão inaugural da V Conferência do Episcopado da América Latina e Caribe, “com esta vida se desenvolve também em plenitude a existência humana, em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural”<sup>71</sup>. É a promoção humana refletida na ampla qualidade de vida. Qualidade que engloba a dimensão sócio, política, econômica, cultural, psíquica, espiritual, etc.

<sup>67</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 52.

<sup>68</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 72.

<sup>69</sup> Diretrizes Gerais 2011-2015: 1.

<sup>70</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 4.

<sup>71</sup> *PALAVRAS do Papa Bento XVI no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2011:114.

(para que todos tenham vida – Jo 10,10) – porém ajustada à perspectiva escatológica, para não se reduzir à promoção social mas engajar no processo de salvação. Nem só de pão vive o homem (Mt 4,4).

Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15) é o mandato que já o primeiro relato evangélico transmitiu à Igreja. A análise da Pessoa e da obra de Jesus redonda na mensagem do amor gratuito de Deus por toda a criação, recriando a intimidade de filhos adotados que se abrem ao acolhimento do seu amor ilimitado, como é ilimitado o amor do Pai para com o Filho Unigênito. Daí que tudo parte de Jesus Cristo, o Mediador da nossa relação com o Pai. Sem o encontro com Jesus não se pode acolher a graça do Pai. Somente a vida em Cristo possibilita as atitudes de alteridade e gratuidade do discípulo<sup>72</sup>.

### **Para evangelizar é preciso ser evangelizado**

Diante disso, já podemos questionar se tais diretrizes, que estão no papel e nos computadores, estão também no coração da pastoral, dos Bispos, do clero, dos seminaristas e dos leigos. Talvez vivamos um fenômeno de que o papel diz uma coisa, mas na realidade se faz outra. Talvez seja preciso ir mais fundo para compreender essa questão. É nesta perspectiva que olharemos as próprias perspectivas das Diretrizes Gerais.

Entre as perspectivas das Diretrizes Gerais, o testemunho aparece como primeira norma para a evangelização: “a própria comunidade precisa ela mesma ser anúncio, pois o mensageiro é também Mensagem”<sup>73</sup>. Aqui queremos levantar um problema muito sério apontado acima: Por que os documentos ficam no papel e não no coração dos agentes cristãos?

Ensaíamos uma resposta que não tem a pretensão de abarcar o problema, mas de iniciar a discussão. É porque no mundo líquido em que vivemos, estamos liquidificados, o que não é o mesmo que liquidados. Na cultura líquida, até as religiões oficiais se tornaram tão racionalistas que a busca do emocional está passando ao largo das

<sup>72</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 8

<sup>73</sup> Cf. Diretrizes Gerais 2011-2015: 76.

nossas Igrejas e cultos. Urge uma recuperação da pessoa e do equilíbrio do uso tanto do cérebro direito como esquerdo. Trabalhamos o tempo todo com conceitos, mas não tentamos ir ao cerne dos problemas da pessoa, quase sempre de ordem emocional, para ajudá-la a se levantar. Outras perguntas precisam ser feitas, pois há realidades a serem enfrentadas. Por que no mundo católico proliferam tanto missas de cura e libertação, quando toda missa é de cura e libertação? Para nós, o problema atual não é primeiramente moral, mas patológico. Com uma leitura atenta às obras de Bauman, conclui-se muito facilmente que a humanidade está ficando cada vez mais doente. Por isso onde sente que Jesus pode passar se joga sem questionar.

Sei que as Diretrizes oferecem várias pistas de perspectivas, mas essa primeira, a nosso ver, é a mais fundamental. Nossa pesquisa acadêmica, nosso Grupo de Pesquisa, registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ, giram em torno do tema do amor de Deus, explícito no Novo Testamento com a Palavra *agape*.

Estamos convencidos que só o amor de Deus pode fazer-nos encontrar a saída que tenha o mesmo peso do que significou a descoberta da solução do problema de Arquimedes de Siracusa:

Heurisko não significa apenas achar, mas encontrar algo que se procurou, que se buscou com intensidade vital, como na conhecida história sobre Arquimedes de Siracusa, que, ao encontrar a resposta ao problema que o atormentava, sobre a autenticidade de uma coroa de ouro, descobrindo a lei do empuxo enquanto tomava banho, saiu nu gritando *heureka, heureka*<sup>74</sup>.

O amor de Deus, quando descoberto como a única e verdadeira saída dos problemas humanos, por causa da real intimidade que a filiação adotiva nos dá, deve nos fazer gritar *heureka*, expressão que redundando no *aleluia* litúrgico. Diz Andrade:

É o amor de Deus, o Espírito, a Graça Incrída que cria em nós o amor, a compaixão capaz de nos tirar de nossos próprios interesses

<sup>74</sup> ANDRADE, Paulo Fernando Carvalho de. A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus. in OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Opção preferencial pelos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2011: 163.

e de nos abrir à necessidade dos outros, à solidariedade concreta com os pobres. Colocar-se no seguimento de Jesus é colocar-se no seguimento do Amor misericordioso de Deus, deixar-se invadir por este amor que faz com que busquemos o necessitado para nos colocarmos ao seu lado como irmãos, é abrir as entranhas, aceitar o convite para a festa onde se entra para partilhar a mesma alegria do pai solidário (Lc 15,31-32)<sup>75</sup>.

Nesse sentido, estamos trabalhando o texto do salmo 90(89), que na tradução usada na Liturgia soa com estas palavras: *fazei-me sentir o vosso amor desde cedo e assim me alegrarei o dia inteiro. Não temos tempo para desenvolver esta questão agora, mas tenho certeza de que a Igreja primitiva, a Igreja do testemunho, não abraçou somente de forma intelectual o Evangelho do amor, mas fez do amor do Pai um sentimento vivo que fazia a autoestima dos cristãos sobrepujar a humilhação social e o drama do martírio. A dimensão filial era o forte da espiritualidade cristã das origens, e a filiação adotiva um dogma vivo. Suspeitamos que depois dos séculos VI ou VII, uma força cultural foi descaracterizando essa dimensão filial e gerou uma espécie de cristãos inseguros como órfãos. Disse o Cristo: Não vos deixarei órfãos. Eu virei a vós (Jo 14,18). Cristo não estava falando dele, porque não é de irmão e nem de amigo que podemos ficar órfãos; é de pais. Portanto, quando ele disse: Quem e vê, vê o Pai (Jo 14,9), estava apontando para a nossa intimidade com o Pai, pois a presença de Cristo no mundo tem como objeto a visão do Pai, para que não sejamos órfãos. É isso que uma nova evangelização precisa urgentemente retomar.*

## Considerações finais

Sentire cum ecclesia no Brasil é retomar o axioma inaciano com a amplidão do sentido da obediência que compromete a vida da pessoa e a missão. Para se chegar a um compromisso desta natureza, é preciso contextualizar o Brasil no mundo e na América Latina. No mundo o Brasil faz parte de uma globalização que, segundo

---

<sup>75</sup> Ibid 173

Bauman, é totalmente negativa, porque globalizou o que há de pior no que ele chama de modernidade líquida, linguagem que se tornou marca registrada do sociólogo e filósofo contemporâneo. Na América Latina, a “opção preferencial pelos pobres” cunhou um modo de ser Igreja que segue os moldes de Cristo em sua missão libertadora. Entre os países em desenvolvimento, o Brasil e a América Latina são anões que disputam com os tigres asiáticos. Essa comparação metafórica combina com a afirmação de que, enquanto eles avançam em alta velocidade, o Brasil anda de bicicleta em termos do ritmo de crescimento. A questão aqui é o que repercute na vida dos pobres, ao lado de quem a Igreja de Cristo precisa estar.

Porém este artigo levanta ainda a questão do instrumental que faz o cristão correr, ao modo paulino, no certame que lhe é proposto. Somente o amor de Deus vivido como experiência de fé em sua dimensão corporal, pode arregimentar os lutadores da fé. O amor transfigura nosso corpo, porque transfigura nosso ser. Quando as Diretrizes da Evangelização do Brasil falam de que o testemunho é a primeira norma da evangelização, encontramos um gancho para falar do amor de Deus como unum necessarium a ser vivido e transmitido no processo da nova evangelização propugnada pela Igreja. Quando Cristo disse na Sinagoga de Nazaré que um dos sinais da sua presença messiânica era a evangelização dos pobres, estava explícito que a eles o amor de Deus era anunciado com veemência para que pudessem sentir-se amados por Deus, tanto quanto o Filho Unigênito e amados enquanto ekklesia nascente preferencialmente aos que tinham a vida mais confortável. Mas isso é inspirado no modo pastoral de Jesus.

## Bibliografia

- AA.VV. *Globalização e fé*. (Foi et développement, tradução de Carlos Valero). Bauru: EDUSP, 2000.
- ANDRADE, Paulo Fernando Carvalho de. A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus. in OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Opção preferencial pelos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2011: 157-179.
- BAUMAN, Zigmunt. *A cultura no mundo líquido-moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

- BAUMAN, Zigmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*: Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2011-2015*. Brasília: CNBB, 2011.
- CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS PARA A VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES APOSTÓLICAS. *O serviço da autoridade e a obediência: Faciem tuam, domine, requiram*. 2008.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo/Brasília: Paulus/Paulinas/ CNBB, 2007.
- FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho*. Brasília: CNBB, 2013.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo; UNESP, 1991.
- IANNI, Otctavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 13ª edição, 2013.
- INÁCIO DE LOYOLA. Regras para sentir com a Igreja. in *Escrito de Santo Inácio: Exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola, 8ª edição, 2015:132-136.
- INÁCIO DE LOYOLA. Exercícios espirituais: anotações, 1ª anotação. In *Escritos de Santo Inácio: Exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola, 8ª edição, 2015: 9-20.
- KLIÁSS, Paulo; SALAMA, Pierre. in GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER, Eugenia Célia (org.), *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano*. Vitória: EDUFES, 2013: 129-162
- LENOIR, Frederic. *A cura do mundo*. São Paulo: Loyola, 2014.
- LONGCHAMP, Albert. Globalização: um novo nome do desenvolvimento? in AA.VV. *Globalização e fé*. (Foi et développement, tradução de Carlos Valero). Bauru: EDUSP, 2000: 123-159.
- MENDONÇA, Luiz Jorge V. Pessoa de. América Latina: da desigualdade social à desigualdade econômica ou características e variações de um mesmo sistema. in GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER, Eugenia Célia (org.), *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano*. Vitória: EDUFES, 2013,112-128.
- NETTO, José Paulo. A questão social na América latina. in GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER, Eugenia Célia (org.), *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano*. Vitória: EDUFES, 2013, 81-111.
- PALAVRAS DO PAPA BENTO XVI NO BRASIL. São Paulo: Paulinas, 2011.

SALAMA, Pobreza: luz no fim do túnel? in GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER, Eugenia Célia (org.), *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano*. Vitória: EDUFES, 2013, 15-40.

SAMPAIO, Plínio de Arruda. Pobreza e Classe social. in OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Opção preferencial pelos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2011:87-101.

SANSON, Cesar. O pobre coletivo: o Sul n o mercado globalizado. in OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Opção preferencial pelos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2011: 113-119.

Recebido em: 03/03/2015

Aprovado em: 09/05/2015